

Eduardo Campos: Marcos da Trajetória do Escritor

P. S. Narimanian

No estudo "Evolução e natureza do conto cearense", publicado na Revista CLÁ (1951/52) e reproduzido em *Uma Antologia do Conto Cearense* (IUC, 1965), o grande crítico Braga Montenegro assim definia a múltipla atuação literária do terceiro escritor, por ordem alfabética, integrante dessa coletânea:

Estreando-se no conto, Eduardo Campos publicou três livros no gênero: Águas Mortas (1943), Face Iluminada (1946) e Viagem Definitiva (1949). É autor também de algumas peças de teatro, duas das quais O Mônio e a Rosa (1948) e O Anjo (1950). De além da Medicina Popular (1951) e o Folclore do Nordeste. Na ficção, o autor tentaria ainda o romance, O Conto das Mortos, não porém com absoluto sucesso.

1ª Parte

Estudos

No desempenho da função de coordenador na referida Antologia, dos livros de contos de Eduardo Campos, o renomado crítico Braga Montenegro decidiu pela seleção de *Jamília Pe-Torto*, obviamente por considerar a melhor das narrativas do gênero, até então editadas pelo seu confrade do Grupo CLÁ.

Dispondo do livro *Face Iluminada* (Edições CLÁ, 1946), para a análise formal e conteudística que pretendia realizar, foi *O Abutre* que me pareceu a mais indicada tessitura ficcional para o referido objetivo. Concluída a "Leitura crítica de um conto de Eduardo Campos", em 1971 fiz pequena tiragem xerografada, distribuindo-a a alguns críticos nacionais e até a universidades estrangeiras.

Quando essas remessas aconteceram, o cubano Antonio García-Paz integrava o Department of Spanish and Portuguese, da University of Minnesota, USA. E, chegadas às suas mãos a minha Leitura crítica e uma cópia de *O Abutre*, esse mestre de

Eduardo Campos: Marcos da Trajetória do Escritor

F. S. Nascimento

No estudo "Evolução e natureza do conto cearense", publicado na Revista CLÃ (1951/52) e reproduzido em *Uma Antologia do Conto Cearense* (IUC, 1965), o grande crítico Braga Montenegro assim definia a múltipla atuação literária do terceiro escritor, por ordem alfabética, integrante dessa coletânea:

Estreando-se no conto, Eduardo Campos publicou três livros no gênero: Águas Mortas (1943), Face Iluminada (1946) e Viagem Definitiva (1949). É ele também autor de algumas peças de teatro, duas das quais publicadas: O Demônio e a Rosa (1948) e O Anjo (1950). De folclore: Medicina Popular (1951) e o Folclore do Nordeste (1959). Na ficção, o autor tentaria ainda o romance, O Chão dos Mortos, não porém com absoluto proveito.

No desempenho da função de coordenador na referida Antologia, dos livros de contos de Eduardo Campos, o renomado crítico Braga Montenegro decidia pela seleção de *Joaninha Pé-Torto*, obviamente por considerar a melhor das narrativas do gênero, até então editadas pelo seu confrade do Grupo CLÃ.

Dispondo do livro *Face Iluminada* (Edições CLÃ, 1946), para a análise formal e conteudística que pretendia realizar, foi *O Abutre* que me pareceu a mais indicada tessitura ficcional para o referido objetivo. Concluída a "Leitura crítica de um conto de Eduardo Campos", em 1971 fiz pequena tiragem xerografada, destinando-a a alguns críticos nacionais e até a universidades estrangeiras.

Quando essas remessas aconteceram, o cubano Antonio García-Paz integrava o Department of Spanish and Portuguese, da University of Minnesota, USA. E, chegadas às suas mãos a minha Leitura crítica e uma cópia de *O Abutre*, esse mestre de

literatura iria além de algumas observações ao meu trabalho, tendo percuciente comentário sobre o teor ficcional do mencionado conto de Eduardo Campos. Em seu próprio idioma, escrevia:

El narrador para situarse de lleno en el plano en que se desarrolla la acción se vale tanto de lo exterior como de lo interior. La semi-obscuridad y el silencio de la sala ya son augurio de que algo siniestro o maligno esta pronto a suceder: la muerte de la madre.

Dando continuidade à sua perspicácia crítica, adiantava García-Paz:

Lo que corre por las mentes de los protagonistas se presenta muchas veces com lo que el narrador dice que esta ocurriendo interiormente en la mente de cada uno de ellos, pero también en algunos casos se ve como combina lo exterior com lo interior. Esto lo hace magistralmente cuando la criada rompiendo el silencio pregunta si lo presentes desean mas azúcar y Maria, ia hermana mayor, piensa para sus adentros sobre la possible actitud de pedro, que al mismo tiempo no es mas que un reflejo de su propia consciencia.

A essas observações de García-Paz, acrescentar-se-ia: o que se evidenciava no curso dessa narrativa eram impulsos solitários gerando monólogos interiores que se convertiam em projeções visionárias. Eram mergulhos no inarticulado, em que os reflexos assomavam em forma de ilusões. Eram engolfamentos do ser, onde a palavra repontava como um disparo em meio de um silêncio funesto e perturbador. Por tudo isso, *O Abutre* se imporia como um modelo da *new short story*.

Avançada na extensão e complexidade da narrativa, Eduardo Campos atingia o segundo ideal no âmbito da prosa de ficção, escrevendo o romance *O Chão dos Mortos*. Pela relevância da temática explorada e do nível alcançado em sua elaboração, imediatamente encontraria o apoio do intelectual Herberto Sales, então diretor da Empresa Gráfica *O Cruzeiro S.A.*, do Rio de Janeiro.

Contando com tão significativo estímulo, Eduardo Campos se tornaria um romancista de expressão nacional a partir de 1964.

Em comentário estampado na aba do seu novo livro, enfatizava-se a veracidade conteudística nele identificada, em cujas páginas eram descritos aspectos da realidade social da região nordestina até então não relatados por outros ficcionistas. Daí a convicção do seu panegirista de que, mostrando-se consciente das sutilezas da arte do romance, Eduardo Campos estaria fazendo de *O Chão dos Mortos* um livro que teria "o seu lugar assegurado dentro da ficção moderna brasileira".

Bem-sucedido em 1964 na área da longa ficção, em 1968 Eduardo Campos daria mais uma prova de sua aptidão nesse complexo gênero, através da Gráfica Record Editora, também do Rio de Janeiro, publicando o romance *À Vespera do Dilúvio*. E tão depressa foi a tiragem absorvida por crescido número de leitores, que um ano depois era tirada a 2ª edição dessa sua obra assinada pela realidade criativamente explorada.

Quanto ao teatrólogo Eduardo Campos, com a publicação de sua peça *O Demônio e a Rosa*, em 1948, encenada dois anos depois no Teatro José de Alencar, era inaugurada a fase mais importante da produção desse gênero da literatura no Ceará, na segunda metade do século recém-findo. Conhecidos problemas sociais e econômicos passariam a ser representados em cenários realísticos, cada personagem revivendo o drama de um cotidiano sociologicamente autêntico. Nos dois volumes do *Teatro Completo de Eduardo Campos* (UFC – Casa de José de Alencar, 1999), o leitor poderá conferir a relevância da vastíssima criatividade desse dramaturgo.

Quando escreveu os contos de *Viagem Definitiva* e a peça teatral *O Demônio e a Rosa*, Eduardo Campos já acrescentava a essas atividades da literatura erudita as suas anotações sobre os costumes, as tradições e o conhecimento empírico da gente cearense, indo além das fronteiras geográficas do seu território. Fundamentado em suas preciosas observações, escrevia a *Medicina Popular*, editando-a em 1951 através da Revista CLÃ. Para suprir os leitores (e também pesquisadores) dessa área de aplicação do conhecimento tradicional, pela Editora da Casa do Estudante (do Rio de

Janeiro), em 1955 lançava a 2ª edição dessa obra e a 3ª em 1967, pela Empresa Gráfica *O Cruzeiro*.

Indo além do curandeirismo popular, em 1959, através da mesma Empresa Gráfica *O Cruzeiro*, Eduardo Campos lançava no mercado nacional *O Folclore do Nordeste* e, no ano seguinte, os *Estudos de Folclore Cearense* (IUC, 1960). Dentre os temas versados nesse segundo livro, vale ressaltar "O texto teatral do bumba-meu-boi", "Cantoria e religiosidade", "O caju – tema folclórico", "Heróis e valentes no conceito do povo" e "Cerâmica popular cearense". Coroando suas incursões nessa área de múltipla criatividade, em 1973 publicava *Cantador, Musa e Viola*, em que eram ressaltados talentos representantes dessa corrente literária e artística.

Dando continuidade às suas atribuições de escritor, Eduardo Campos estenderia a sua percepção analítica a outros temas locais e regionais, gerando um acervo bibliográfico incomparável no âmbito do labor intelectual cearense. Frutos do seu pluralíssimo talento seriam *As Irmandades Religiosas do Ceará* (1982), *Crônica do Ceará Agrário* (1988), *Gustavo Barroso: Sol, Mar e Sertão* (também de 1988), *A Gramática do Paladar* (1996) e *A Invenção do Discurso Ambiental* (1998). Eis, neste breve relato, a dimensão do escritor Eduardo Campos.